

ARTIGOS

Les Sciences Religieuses: um olhar a partir do Brasil para o campo de estudo das ciências da religião na França

*Marcelo Camurça**

Resumo

O artigo visa, a partir de uma análise dos textos de três autores franceses sobre a situação das Sciences Religieuses no seu país, estabelecer uma comparação com questões importantes que estruturam as Ciências da Religião no Brasil. Sendo examinada a relação das Ciências da Religião com a Teologia, e as demais Ciências Humanas, assim como sua constituição enquanto uma área acadêmica.

Palavras-chave: Ciências da Religião; Sciences Religieuses; Brasil; França; comparação.

Les Sciences Religieuses: a Brazilian Glance Towards the field of the Science of Religions in France

Abstract

The article aims to establish a comparison, based on texts analysis written by three French authors regarding the situation of the Science of Religions in their country, using important issues that structure the Science of Religions in Brazil. The relation between the Science of Religions, Theology and other Human Sciences is carefully considered along with its constitution in an academic scope.

Keywords: Science of Religions; Brazil; France; Comparison.

Les Sciences Religieuses: um olhar a partir do Brasil para o campo de estudo das ciências da Religião na França

Resumo

O artigo visa, a partir de uma análise dos textos de três autores franceses sobre a situação das Sciences Religieuses no seu país, estabelecer uma comparação com questões importantes que estruturam as Ciências da Religião no Brasil. Sendo examinada a relação das Ciências da Religião com a Teologia, e as demais Ciências Humanas, assim como sua constituição enquanto uma área acadêmica.

Palavras-chave: Ciências da Religião, Sciences Religieuses, Brasil, França, Comparação.

* Professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG. E-mail: mcamurca@terra.com.br .

Introdução

O conteúdo desta Aula Magna que apresento aos colegas e estudantes deste Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UMEESP é um desdobramento das minhas reflexões sobre o caráter epistemológico das Ciências da Religião no Brasil, que expus em meu livro *Ciências Sociais e Ciências da Religião: polêmicas e interlocuções*, editado em 2008.

Pretendo, agora, estabelecer um cotejo destas minhas preocupações para o caso brasileiro com a situação das Ciências das Religiões na França. Sirvo-me de um material que recolhi quando do meu pós-doutorado no Groupe Sociétés, Religions, Laïcités (GSRL),¹ Laboratório situado na École Pratique des Hautes Études/Sorbonne, particularmente na V sessão, intitulada de Sciences Religieuses, o berço das Ciências das Religiões,² criada, em 1886, na França.

Para este cotejo faço recurso a três textos de autores ligados à V sessão de Sciences Religieuses da EPHE/Sorbonne. São eles o historiador e mitólogo Jean-Pierre Vernant e os sociólogos Jean Séguy, já morto, emérito do CNRS e fundador da prestigiosa revista *Archives de Sciences Sociales des Religions*, e Jean-Paul Willaime, ex-diretor do Groupe Sociétés, Religions, Laïcités (GSRL) e diretor de estudos na V sessão da EPHE/Sorbonne.

Busco nesta remissão aos autores franceses responder a duas questões, que considero cruciais e, que estão expostas em meu livro – lá desenvolvidas de forma mais complexa, aqui, recolocadas de um modo mais sucinto e simplificado:

a – a tensão nas Ciências da Religião entre uma perspectiva “essencialista” que busca o sagrado por trás de suas manifestações empíricas e uma perspectiva “reducionista” que vê apenas o aspecto empírico das religiões, ligadas aos seus contextos históricos, sociais, culturais e psicológicos;

b – definição sobre o estatuto da(s) Ciência(s) da Religião(ões), se trata-se de uma disciplina básica, regida por um método unificado, ou se é um campo de estudos (inter)disciplinares onde convivem na sua autonomia diferentes disciplinas, tendo como ponto comum a temática da religião (CAMURÇA, 2008:17-37; 59-62).

¹ Maiores informações sobre o GSRL ver <http://www.gsrl.cnrs.fr>. Ver também Editorial que escrevi intitulado “Panorama Religioso na França contemporânea”, no número da revista **REVER: revista de estudos de religião**, setembro, ano 10, 2010, que contou com artigos de autores que são membros do referido Laboratório. Para acessar REVER, www.pusp.br/rever.

² Neste texto o termo “Ciências da Religião” aparecerá grafado também como “Ciências das Religiões”. Neste caso, diz respeito a como ele é conhecido na França, funcionando como uma tradução de Sciences Religieuses. Lembro que no texto de Jean Séguy, ele se refere à disciplina como “Sciences des Religions”, o que corrobora esta minha tradução.

Minha leitura dos textos franceses, sem descaracterizá-los, é, portanto, uma leitura interessada, feita a partir dessas minhas questões – que penso pertencerem ao campo epistemológico das Ciências da Religião no Brasil – extraindo desses textos subsídios e contribuições para o aprofundamento das mesmas.

I – Jean-Pierre Vernant e as Ciências das Religiões na França confrontadas com a sociologia, o comparativismo e a antropologia

Jean-Pierre Vernant, em seu texto *Les sciences religieuses: entre la sociologie, le comparatisme et l'anthropologie*, vê na trajetória dos remanejamentos ocorridos nas Ciências das Religiões, na França, a resultante de sua configuração atual. Dentre esses remanejamentos, ele situa como os mais decisivos o papel que ocuparam a sociologia, os estudos comparados e a antropologia na direção do atual modelo dessa área de estudos (1986:79).

Primeiramente, percebe-se no seu texto o registro da abordagem primeva e mais tradicional das Ciências das Religiões na instituição que privilegiava “o religioso como o plano onde os grupos humanos expressavam suas necessidades e escolhas espirituais” (1986:80). Um olhar sobre o religioso como sendo o lugar na sociedade de ultrapassamento dela mesma. Ou seja, “para estudar a religião, não é necessário sair do religioso” (1986:80), sendo crucial penetrar na dimensão espiritual em jogo para compreender quais concepções determinados grupos, povos ou civilizações faziam do divino, quais tipos de relações estabeleciam-se entre deuses e homens, que sentimentos eram mobilizados para estabelecer-se o contato ou a fusão com as potências da natureza (1986:81).

Em seguida, Vernant destaca o que chamou de “impacto desta intrusão da sociologia nas Ciências das Religiões” (1986:83) propiciando seu “alargamento” e um “corte epistemológico” com as concepções anteriores (1986:81). Isto se deu precisamente quando Marcel Mauss passou a ocupar, em 1901, a cadeira das “Religiões dos povos não civilizados” (perspectiva que relativizaria na primeira sessão do curso quando declarou: “que não existe povos não civilizados, apenas povos de civilizações diferentes”), e também com a vinda de Henri Hubert para a cadeira de “Religiões Primitivas da Europa” e de Marcel Granet para a de “Religiões do Extremo Oriente”.

Era a presença da assim chamada “escola sociológica francesa” dos discípulos de Emile Durkheim que se espriava para a V sessão das *Sciences Religieuses* na Sorbonne e que impunha outra concepção de religião àquela que prevalecia na instituição. A religião não mais vista como “um tipo de filosofia vivida, uma metafísica em ato” (1986:81) ou concebida como “um

universo mais espiritual e autônomo” (1986:81), mas considerada como uma dimensão do social. À maneira durkheimiana, os fatos religiosos são tomados como fenômenos sociais que têm sua compreensão na relação estabelecida com outros fatos da morfologia social. Os ritos de luto, por exemplo, se explicariam na sua relação com a organização familiar e não como frutos de sentimentos de temor e de lamento diante do inexplicável (1986:82).

Outra consequência desse “corte epistemológico” foi o estabelecimento de uma nova metodologia nas Ciências das Religiões por intermédio do “trabalho de campo”, da observação direta dos fenômenos religiosos contemporâneos em detrimento do exame filológico dos textos sagrados referidos a um passado distante (1986:82). Cria-se uma nova perspectiva alternativa àquela clássica da busca de um “núcleo autêntico da experiência religiosa” a partir de uma taxinomia das religiões da antiguidade e medievo – muitas vezes tomando o modelo do cristianismo como um implícito indicador para detectar essa “essência religiosa”. Esta nova metodologia institui como ponto de referência para elucidar questões das religiões antigas, às práticas religiosas contemporâneas de tribos da África e Oceania. Estava instalada a comparação, agora explícita, entre culturas como forma de estudo das *Sciences Religieuses* francesas. E, a partir de 1938, com a chegada, na V Sessão, de Georges Dumézil, é criada a cadeira de “Mitologia Comparada”.

Por meio de uma comparação dos mitos, representações figurativas e ritos dos povos indo-europeus, Dumézil chega a uma “arquitetura conceitual” ou a uma “estrutura” de significação que preside a cosmologia e a epopeia dos deuses presentes nesses mitos, representações e ritos. Tanto os relatos das potências divinas quanto as atividades e comportamentos humanos e formas de vida social estão subsumidos a essas estruturas conceituais. Desta forma, a abordagem dos mitos, representações e ritos, toma-os como sistemas simbólicos que se relacionam não só com o divino, mas com a economia, com a vida doméstica, a autoridade e as relações de poder desses povos e civilizações (1986:84). Essa abordagem de Dumézil, que privilegia as “representações”, termina por ganhar espaço e influenciar até a etnografia de Marcel Mauss, que se distancia de uma herança sociológica durkheimiana de cunho positivista que considera o social como “fatos”, “coisas”, com foco no rito, e passa a incorporar também a dimensão das “representações”, ou seja, do mito (1986:85).

O par sociologia/comparativismo, segundo Vernant, pareceu não bem aceito pelos eruditos que trabalhavam com a visão tradicional em *Sciences Religieuses*, como André-Jean Festugière, especialista em religiões da Grécia antiga. Para o *expert*, o conteúdo mitológico embutido numa religião (da antiguidade, como a da Grécia antiga), deveria ser descartado em proveito

da “essência”, primitiva e universal presente em toda experiência religiosa que, no caso grego, atendia pelo nome de *thambos*, palavra que designa o terror reverencial diante do sagrado. Para Jean-Pierre Vernant, no entanto, uma negação ao exame do relato mítico como estratégia de pesquisa por parte de Festugière se explica na sua postura “anti-intelectualista” no exame das religiões, que as colocam, segundo ele, “fora da inteligência, no sentimento de terror sacralizado que o homem experimenta cada vez que o [divino] se impõe a ele, no seu irrecusável estranhamento” (1986:85). Aqui, não se pode deixar de reconhecer uma singular afinidade com a concepção de *numinoso* de Rudolf Otto, o *mysterium tremendum et fascinans* (Otto, 2001). Para este *expert* tradicional da religião grega, que é Festugière, “o religioso é o sentimento do sagrado” (1986:86), o que torna as religiões de que esse sagrado se reveste sempre semelhantes e próximas. Não há estranhamento, problematização, nem necessidade de comparação entre diferentes tipos de religiões, visto que há sempre uma “determinação última” que preside a todas da mesma forma. Para Festugière, no caso das religiões gregas e da antiguidade, é preciso ver-se livre dos relatos míticos, no que chamou de “demitologização” (1986:86).

Em face desse particular, segundo Jean-Pierre Vernant, aparece o último remanejamento na trajetória da constituição das *Sciences Religieuses* francesas na V Sessão da EPHE: a antropologia! E ela responde pelo nome de Claude Lévi-Strauss. Ele vem eleger como prioridade, ao contrário do desprezo de *experts* como Festugière pelos relatos míticos, a tarefa do deciframento da estrutura subjacente aos mitos, por intermédio do exame de suas diversas versões. Para Lévi-Strauss, a análise estrutural dos mitos, conforme elaborada nos seminários que ministrou na V sessão des *Sciences Religieuses*, revelará por trás da recorrência e semelhança destes entre si, não uma essência sagrada, mas uma estrutura lógica e cognitiva de significação. Esta também universal, pois, segundo ele, é “a mesma lógica [que] se produziu no pensamento mítico e no pensamento científico, e que o homem pensou sempre do mesmo modo” (LÉVI-STRAUSS, 1991:265).

Na conclusão de seu texto, Vernant sublinha que a despeito de um século de estudos das Ciências das Religiões, na França, com os remanejamentos que implicaram no seu alargamento e aprofundamento, uma questão permanece “incontornável, a da especificidade da religião” (1986:87).

Ele não avança, contudo, no encaminhamento desta questão que levantou na conclusão e que, anteriormente, no desenvolvimento do texto, havia decomposto em dois problemas:

a – se a religião é dimensão do social, em que se distingue dos outros constituintes da vida? (1986:82)

b – será que a religião é a mesma coisa, tanto para sociedades onde está organizada e instituída como separada do lado profano, quanto para outras onde está disseminada de forma indistinta no tecido sociocultural e imbricada com outras organizações? (1986:83)

Aqui retornamos à questão que tenho colocado nas reflexões contidas em meu livro: uma insatisfação com a visão que essencializa a dimensão do religioso/sagrado sem levar em conta tanto as mediações da realidade – históricas, sociais, culturais, psicológicas – quanto as mediações teóricas que constituem o “objeto” religião segundo teorias e metodologias próprias ou em perspectiva interdisciplinar (CAMURÇA, 2008:64). E uma também insatisfação com a visão empiricista que despreza, a partir de seu aprisionamento nos dados materiais comparáveis, a questão da produção de significado contida na experiência religiosa (CAMURÇA, 2008:64).

Se o li bem, considero que Vernant sugere, ao seu modo, algumas pistas para se acerrar dos impasses que aponte, incrustados nas maneiras absolutas e unilaterais de abordar o evento religião que agravam ainda mais seu caráter “incontornável”. O que sugiro e que parece estar dentre as alternativas relacionadas por Vernant é a perspectiva da *articulação* entre as distintas e antagônicas maneiras de definir o objeto religião.

No meu caso, sem desconhecer a tensão existente entre estas abordagens da religião – a fenomenológica e a das ciências sociais e históricas –, tenho proposto um movimento de *complementaridade* entre as duas *demarches*. Ele não visa extirpar a tensão entre os dois campos de estudo do mesmo fenômeno, fruto da solidez (histórica e institucional) dessas duas epistemologias, mas transformá-la em uma *tensão com complementação* (2008:106-108).

No que tange aos encaminhamentos propostos por Vernant, estes também seguem a via da *colaboração*: entre helenistas, *experts* no domínio das religiões comparadas e antropólogos quando diz respeito aos estudos dos mitos e do *comparativismo*, no estudo de religiões antigas e cultos contemporâneos (1986:87).

Da minha parte, para compor o campo pluridisciplinar das ciências da religião, incorporo do método das Ciências Sociais o respeito às mediações históricas, sociais, culturais e psicológicas, e do método da fenomenologia ontológica, uma hermenêutica compreensiva do sentido colocado nos atos e eventos que compõem a atividade religiosa.

No entanto, para ultrapassar os reducionismos empiristas na definição do fenômeno da religião, não é preciso que o que se denomina de religioso/sagrado para poder produzir significação tenha que necessariamente possuir um estatuto transcendente. O que relacionamos como da ordem do simbólico e do imaginário – e por que não da arte e estética também? – cumprem este

papel (CAMURÇA, 2008:65). A isto, a reflexão de Vernant também parece contemplar, quando diz que o religioso na atualidade corresponde às necessidades humanas de “comunicação, comunhão, na solidão dos indivíduos” e traduz no homem, assim como ocorre na linguagem, o que os psicólogos chamam de “função simbólica” (1986:88).

II – Jean Séguy: tensão e colaboração entre Teologia e Ciências das Religiões no estudo do fenômeno religioso

O texto do sociólogo Jean Séguy *Théologie et Sciences des Religions: hier et aujourd'hui*, publicado em *Archives de Sciences Sociales des Religions*, no ano de 2002, é um ensaio em forma de resenha de três livros e duas revistas que tratam deste tema, onde ele procura traçar um balanço das relações entre Teologia e Ciências das Religiões, na França e na Europa, em toda sua complexidade.³

Essas reflexões também vêm ao encontro das minhas preocupações sobre o lugar da Teologia no campo das Ciências da Religião em nosso país.⁴ Todavia, é bem sabido que vários autores (USARSKI, 2001:88; FILORAMO e PRANDI, 1999:22-23; PYE, 2001:26) rejeitam a presença da Teologia nessa área acadêmica por tomarem sua abordagem da religião como apriorística, apologética, axiológica e especulativa e não empírica, distanciada e indutiva como, segundo estes autores, deve ser um conhecimento científico sobre a religião (CAMURÇA, 2008:62). Há um temor, entre esses estudiosos, de que o saber teológico, para quem a religião foi sempre um domínio cativo seu, ocupe um lugar desmesurado dentro das Ciências da Religião, imprimindo nela sua perspectiva de irredutibilidade da dimensão religiosa como *sub specie aeternatis* e transcendente às esferas seculares (CAMURÇA, 2008:62).

O ensaio de Séguy também evoca a relação entre esses dois domínios de estudos da religião como historicamente de oposição, constituindo-se ambos enquanto polos de um *continuum* frequentemente tenso (2002:21; 27). No entanto, sugere, a partir desses trabalhos resenhados, que outra situação mais complexa se divisa entre Teologia e Ciências da Religião na atualidade.

³ São estes os textos resenhados: de Pierre Gisel, **La Théologie face aux sciences religieuses: différences et interactions**, de Hans-Gerhard Kippenberg **À la découverte de l'histoire des religions. Les sciences religieuses et la modernité**, organizado por Arie L. Molendijk e Peter Pells (eds.). **Religion in the making. The emergence of the sciences of religion**. E, por fim, as revistas **Recherches des Sciences Religieuses**, n. 1, dossier “L'expérience de la Vérité” e n. 2: dossier “Science des religions ou théologie? Ernst Troeltsch aujourd'hui”, editadas em 2000. Cf. Bibliografia no final do texto.

⁴ Para o lugar da teologia nas Ciências da Religião, ver também a reflexão de Higuier no texto “A Teologia em Programas de Ciências da Religião”, publicada em *Correlatio* (2006).

A apreciação de Séguy do livro de Pierre Gisel aponta para uma cooperação interativa, sem concorrência, sem hierarquização entre, de um lado, a Teologia e, de outro, a Sociologia, História e Psicologia que se debruçam sobre a religião. Tudo isto numa perspectiva de coexistência no comparativismo e na pluridisciplinaridade (2002:62).

Por meio do exame do conjunto da produção desses livros e revistas, Séguy detecta a existência de uma corrente, seja entre teólogos ou entre historiadores, sociólogos e antropólogos, em torno das Ciências das Religiões que partilham das mesmas concepções quanto ao papel da religião na atualidade (2002:27). Essas podem ser resumidas em duas premissas: a compreensão de que modernidade e religião não se excluem e que a modernidade é capaz de “produzir o religioso” (2002:22-23).

O argumento do outro livro resenhado, o de Kippenberg, não hesita em apontar transformações e mudanças em relação às clivagens entre Teologia e Ciências das Religiões, clivagens essas explicadas como produto histórico do Iluminismo que dividiu ambos os domínios entre saberes da história, cultura e sociedade de um lado, e saberes da transcendência, de outro (2002:23). Afirma que o período de 1850 a 1920 (também assinalado na terceira obra examinada, a de Molendjik e de Pells), de criação das Ciências das Religiões, corresponde àquele em que se desenvolveram as abordagens modernas e contemporâneas das culturas, figurando as religiões também como elementos constitutivos desses constructos culturais modernos (2002:24).

Desta forma, este autor defende uma continuidade entre sociedade moderna e religião (2002:24), assinalando “o papel capital que jogaram os temas religiosos na formação da identidade moderna” (2002:23). Ao se considerar a religião como um dado cultural da formação da modernidade detectada pela antropologia, sociologia e história, desde então, não há como se estranhar a existência de uma abordagem religiosa das sociedades e indivíduos modernos (2002:23).

A tendência apontada no ensaio de Séguy, a partir de sua resenha das obras mencionadas, coaduna-se com o que venho afirmando sobre a centralidade da *modernidade* como eixo temático/epistemológico sobre o qual as Ciências da Religião devem se organizar (CAMURÇA, 2008:54-56).

Penso que as questões colocadas pela (alta, ultra, pós) modernidade repercutem diretamente no campo das Ciências da Religião, quais sejam: a globalização, a fragmentação, a desregulação das instituições – inclusive as religiosas – o hibridismo contemporâneo que relativiza territórios e identidades demarcadas, outrora repartidas no caso das tradições religiosas em ocidentais (tronco judeu-cristão), orientais, africanismos animistas, hoje culturas híbridas das diásporas e “ocidentalizações do oriente” (CAMURÇA, 2008:54).

Dentro deste mesmo quadro, o advento do pluralismo com a emergência e visibilidade de diversificados atores e temas, como as questões de gênero, da sexualidade, da ecologia, da informática e da mídia, que também atravessam o universo das religiões (CAMURÇA, 2008:54).

Não é sem razão que o recente balanço sobre a literatura produzida pelas Ciências Sociais da Religião elaborado pelo antropólogo Ronaldo de Almeida, da Unicamp, na coleção organizada pela ANPOCS “Horizontes das Ciências Sociais no Brasil – Tomo Antropologia”, intitulou-se “Religião em Transição”. Nele, o autor registra que os temas que têm “pautado” as “discussões nacionais” dos estudos em sociologia e antropologia do fenômeno religioso contemplam os “trânsitos”, “transformações” e “deslocamentos” deste fenômeno com rebatimentos diretos na própria definição de religião enquanto categoria analítica. É sob a égide dos “deslocamentos” que se pode pensar as “fronteiras e circunscrições tanto do universo empírico como das referências teóricas” do fenômeno religioso. Para ele, se o cristianismo foi a grande referência para as Ciências Sociais em contexto ocidental na constituição de seu modelo de religião, “é de se esperar que os estudos dela em contexto de tradição não cristã ou sem religião produzam efeitos na própria categoria analítica, no sentido de desconstruí-la e de redefini-la” (2010:396). A questão central deste ensaio sobre o estatuto da religião não é o que ela é em si, mas o que relaciona e agencia em contexto de “transição”⁵ (2010:396).

Essa realidade contemporânea multifacetada e seus rebatimentos para dentro das Ciências da Religião implicam, segundo Pierre Gisel, na leitura que dele faz Jean Séguéy, em uma redefinição da tarefa e até dos paradigmas da teologia (2002:22), no que chamou de “reforma da teologia” onde esta deve renunciar a toda “legitimidade confessional” para se manter em sintonia com os novos tempos (2002:22). Isto também vem corroborar com o que venho sugerindo, de modo bem menos radical, de que esta disciplina deve buscar recuperar “as mediações socioculturais e a historicidade de seus conceitos de revelação” (CAMURÇA, 2008:63). Para o autor, a teologia, em consonância com as Ciências das Religiões, deve debruçar-se reflexivamente diante da crise da modernidade, enfrentando as questões das desinstitucionalizações e recomposições religiosas em curso que lhes atingem (2002:22).

Até uma área mais recôndita e reservada da *sub specie aeternatis* da Teologia que é a *mística* não escapa, segundo o que a resenha revela, ao atravessamento das transformações atuais. Para Gisel, a mística/espiritualidade, certamente, se aproveita desta capacidade do moderno gerar o religioso, mas

⁵ “Deslocamento” também é a categoria que o teólogo Alberto Moreira trabalha para analisar o estatuto da religião na sociedade contemporânea (2008:70-83).

isto a envolve, (a contamina?) com as contradições e problemas mundanos de legitimação e de busca por institucionalização em meio às redefinições do fluxo contemporâneo (2002:23). Esta avaliação nos faz lembrar singularmente, no caso brasileiro, a situação ambivalente de algumas de nossas “religiões / religiosidades do Espírito”: carismáticos e pentecostais cristãos e neoesotéricos, “new agers”.

A perspectiva levantada nos livros resenhados, particularmente enfatizada por Pierre Gisel, de complementaridade entre Teologia e Ciências das Religiões, a despeito da tensão também sublinhada nestas obras entre os dois polos, afiniza-se com a ênfase que proponho na mediação e articulação que se deve procurar estabelecer entre estes dois campos do saber (CAMURÇA, 2008), já discutida no item anterior deste texto.

Por fim, no seu ensaio, Séguy registra *experimentos* destas atividades complementares entre Teologia e Ciências das Religiões desenvolvidas na atualidade. Dentre estes, aponta a ocorrência de trabalhos de natureza sociológica sobre os evangelhos e o empreendimento de uma História Social das Igrejas Cristãs que apareceram, ambos, nos números da revista *Social Compass* organizados por P. A. Turcotte em 1992 e 1999 (2002:28).

Ocorre-me frisar que esse registro de *experimentos* realizados na interface entre Teologia e Ciências das Religiões também foi feito por outros autores. Lembro que Michael Pye, no seu balanço dos estudos das religiões na Europa (2001), já havia indicado o estudo de Peter sobre o Cristianismo, abordado por fora da normatividade teológica e dentro de uma perspectiva histórica e fenomenológica, assim como a “Histoire Religieuse de la France” de Xavier de Montclos, segundo Pye, “uma história da religião sem ser uma história da Igreja” (PYE, 2001:20-21). Também o livro “Manifestações Literárias do Sagrado”, organizado por Eduardo Gross e publicado pela UFJF, em 2002, apresenta o texto de Mark McVann, professor de Estudos da Religião da Lewis University, Illinois, uma interessante análise do “Batismo e dos Milagres do Evangelho de São Marcos como rituais de transformação de *status*”, utilizando a célebre teoria dos ritos de passagem: *communitas-estrutura*, do antropólogo Victor Turner (2002:127-141).

Como último *experimento* demonstrativo da complementaridade entre Teologia e Ciências das Religiões, Séguy destaca, na obra de Pierre Gisel, a atualidade da tipologia de Ernest Troeltsch sobre as formas religiosas, particularmente o tipo ideal da “mística” (distinto dos tipos “igreja” e “seita”), por meio de sua utilização e interesse em várias pesquisas sobre a atualidade religiosa (2002:28). Aqui também cumpre destacar, para o caso das Ciências Sociais brasileiras, a aplicação do tipo mística de Troeltsch pelo antropólogo Carlos Steil para compreender as transformações no catolicismo brasileiro,

na passagem da secularização representada pela Teologia da Libertação para a mística em torno dos movimentos carismáticos católicos (1998:69).

A perspectiva compartilhada entre Teologia e Ciências das Religiões, a mesma que defendo para todas as disciplinas que compõem a área pluridisciplinar das Ciências da Religião, parece encontrar-se em sintonia com o *zeitgeist* de nossa modernidade, onde não apenas a realidade social e empírica dos territórios, grupos, indivíduos, instituições passa por processos de hibridismos, mas também ideias, conceitos e categorias estão cada vez mais porosos e polissêmicos, servindo ao mesmo tempo a diferentes domínios do saber.

III – Jean-Paul Willaime e a presença das Ciências das Religiões no campo acadêmico francês

O texto de Jean-Paul Willaime diz respeito à afirmação e legitimidade das Ciências das Religiões dentro do sistema acadêmico e diante do conjunto de outras disciplinas das humanidades na França. Ele se aproxima de minhas preocupações acerca da qualidade e da validação do conhecimento produzido pelas Ciências da Religião, no Brasil, em relação à grande área das Ciências Humanas no país (CAMURÇA, 2008:66-67).

Para Willaime, a consolidação da investigação científica sobre as religiões na França foi favorecida pelo que chamou de duas fases da secularização no país. Uma primeira datada de 1905 marcada pelas leis de laicização, que criaram a escola laica e separaram a igreja do Estado, culminando por emancipar o sistema político-social dos poderes religiosos, e uma segunda, disseminada a partir dos anos 1980 e marcada pela emancipação do indivíduo em relação à instituição religiosa (1996:74-79), que pode ser sintetizada na já célebre frase de Gracie Davies “believe without belong” (crer sem pertencer).

Segundo Willaime, pelo fato da constituição das Ciências das Religiões na França ter se dado no quadro das duas primeiras secularizações – de um afastamento da sociedade tanto a nível institucional quanto individual em relação ao domínio religioso – a consequência disto resultará, de um lado, em “uma abordagem científica da religião liberada de toda perspectiva apologética e de todo limite imposto” (1996:73), mas, de outro, redundará em certa restrição social da pesquisa a um número reduzido de especialistas e de lugares de excelência (1996:74).

O que ele põe em evidência agora é uma terceira fase de secularização que corresponde ao que se denomina de ultramodernidade, onde “o moderno se desencanta e o religioso se reintegra no horizonte do conhecimento humano, mas de modo desclericalizado e secularizado” (1996:74-75). Nesta fase, ocorre um grande interesse pelo tema da religião na população em geral, que transborda o campo dos especialistas e implica uma explosão editorial de obras sobre a religião de caráter histórico e cultural (1996:75). Para o autor,

não se trata aqui de “retorno do religioso”, mas de um “reinvestimento do religioso enquanto cultura” (1996:77).

Esta análise de Willaime para o caso francês pode servir de padrão comparativo ao que venho pensando para o brasileiro, diante do *boom* de religiosidades, criação de novas religiões e revalorização de antigas sob dinâmicas e estilos modernos. Tudo isto, na direção de uma articulação entre tendências secularizadoras e reencantadoras em tensão, que realiza uma mediação entre esses dois polos da realidade do fenômeno no país (CAMURÇA, 2008:93-109).

Em seguida, o autor irá examinar as ressonâncias desse interesse geral na França pelo tema do religioso nos estudos sistemáticos e acadêmicos da religião, dentro e fora das chamadas Ciências das Religiões.

Primeiramente, constata um florescimento dos estudos de religião na França contemporânea, e aqui Willaime traz o testemunho de Jean Délumeau no seu livro “L’Historien et la foi”,⁶ além da menção a uma rede de laboratórios e grupos de pesquisa no tema apoiados pelo Centre National de Recherches Scientifique (CNRS) nas áreas de sociologia e história das religiões, a profusão de orientações de teses na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) e na École Pratique des Hautes Études (EPHE) e a criação de Institutos de Teologia e Ciências das Religiões em universidades católicas e institutos privados de ensino superior (1996:76-77).

No entanto, paralelo a esse desenvolvimento, ele aponta também uma considerável dispersão e pouca sistematização/institucionalização deste movimento enquanto área acadêmica de Ciências das Religiões. No nível da graduação, os estudos de temas religiosos dependem mais da existência de professores especialistas do que de um programa predeterminado (1996:76). No que poderíamos chamar de pós-graduação (Mestrado e Doutorado), nota-se uma diversidade de atividades de pesquisa e variabilidade de dissertações e teses produzidas em torno do tema da religião. Entretanto, ele aponta que, apesar do país possuir diversos “especialistas [no estudo] de uma religião”, não existe consolidada a “figura emblemática” das Ciências das Religiões (1996:69). A existência de Laboratórios e Grupos de Pesquisa “ultraespecializados” no tema da religião não logra reproduzir a criação de disciplinas de Ciências das Religiões nas universidades francesas. E, mesmo a sessão V de *Sciences Religieuses* da EPHE – Sorbonne, que se destaca na produção de teses e dissertações no domínio da religião, não as elabora enquanto “ciência das religiões no sentido geral, epistemológico, comparativo e sintético do

⁶ Segundo Delumeau, “a despeito, ou por causa da descristianização atual, a história das religiões na sua acepção mais ampla está atualmente florescendo na França. Ela constitui um setor de ponta da pesquisa” (1996:7).

termo” (1996:69). Willaime conclui seu texto indicando uma “fraqueza” da “ciência comparada das religiões” no âmbito da universidade francesa, apesar de sua gênese centenária.

Se pensarmos o caso do Brasil, poderemos constatar que aqui as Ciências da Religião são neófitas diante das Ciências Sociais consolidadas (e, é claro, da Teologia) no tratamento da questão da religião. Vêm dessas duas primeiras os autores, os métodos e as teorias consagradas tanto na academia brasileira quanto em espaços mais específicos do saber teológico com os quais as Ciências da Religião têm necessariamente que dialogar.

Poderíamos, à maneira de Willaime, realizar um balanço dos estudos da religião nas universidades brasileiras, mas isso exigiria um esforço hercúleo que ultrapassaria de longe os limites deste artigo. Prefiro remeter para alguns desses “estados da arte” a questão religiosa no país: o de Rubem Alves sobre sociologia da religião, em 1978, o de Alba Zaluar sobre movimentos messiânicos, em 1979, o de Rubem César Fernandes sobre as religiões populares, em 1984, o de Solange Rodrigues sobre os GTs “Religião e Sociedade” da ANPOCS, em 1997, o de Antonio Flávio Pierucci sobre sociologia da religião, em 1999, o de Paula Montero sobre Antropologia e Sociologia da Religião, em 1999, e o de Ronaldo Almeida sobre Ciências Sociais da Religião, em 2010.

No que tange à área de Ciências da Religião, somos atualmente nove Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião (quatro com doutorado e mestrado e cinco apenas com mestrado)⁷ e logramos algum grau de institucionalização no cenário das Ciências Humanas do país.⁸ Recriou-se a Associação Nacional em Teologia e Ciências da Religião (ANPTECRE), que já realizou três congressos científicos da área e que inicia a consolidação de GTs em várias temáticas e epistemologias do campo da Teologia e Ciências

⁷ Os que possuem Mestrado e Doutorado são os da UMESp/SP, UFJF/MG, PUC/SP, UCG/GO e os que têm apenas o Mestrado são os da Mackenzie/SP, PUC/MG, UNICAP/PE, UFPB/PB e UEPA/PA. Está prevista a criação de um Mestrado Profissionalizante em Ciências das Religiões na Faculdade Unida de Vitória/ES.

⁸ No âmbito dos cursos de graduação, vários deles de tipo Licenciatura em Ciências da Religião já se encontram em funcionamento, como os da FURB (Blumenau), UNIVILLE (Joinville), UNOCHAPECÓ (Chapecó), UNISUL (Tubarão), UNC (Canoinhas), UNEC (Caratinga) e a Faculdade São José (municipal/pública, de São José/SC). Ainda em instituições de ensino públicas, como na Universidade Federal da Paraíba UFPB, na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), Universidade Estadual do Pará (UEPA), Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA) em Sobral, Ceará e na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) (PORTELLA, R. 2011, p. 33). Informações disponíveis em: <http://www.gper.com.br/index.php?sec=biber&secaoId=7&categoriaId=7..>

da Religião. Este polo inicia uma produção mais sistematizada em Ciências da Religião com algum fôlego editorial voltado para uma rede de leitores da área das Ciências da Religião do meio universitário e de uma classe média interessada numa abordagem mais científica do tema.⁹ O próprio debate teórico sobre os estatutos das Ciências da Religião começa, ainda que incipientemente, a se propagar, estimulado por essa literatura que dá visibilidade à questão dentro de padrões científicos e ganhar espaço em publicações especializadas (MAGALHÃES 1997, p. 09-24; USARSKI, 2004, p. 73-95; MAGALHÃES & PORTTELLA, 2008; GUERRIERO, 2010, p. 54-65; RODRIGUES, 2011, p. 65-79).

Sobre os critérios e espaços de validação do conhecimento produzido pelas Ciências da Religião, no Brasil, considero que muito ainda tem que se caminhar. Penso que gozamos de uma “autonomia relativa”,¹⁰ enquanto campo acadêmico, pois é nas Ciências Humanas que tratam do tema da religião (História, Ciências Sociais, Psicologia e Filosofia) que buscamos nosso instrumental teórico-metodológico. Se, por um lado, no campo teórico-metodológico considero que devemos estar sintonizados com o que de mais avançado se produza em cada disciplina das Ciências Humanas que correspondem às mesmas que operamos no tratamento do fenômeno religioso, por outro lado, nossa meta deve ser a de nos constituirmos (respeitando a autonomia de cada ciência humana que compõe nossa área acadêmica em meio a exercícios de interdisciplinaridade) como um *locus* de alta especialização e refinamento dos saberes das Ciências Humanas no tema da religião (CAMURÇA, 2008:66-67).

⁹ Registro aqui a Coleção “Repensando a Religião” da Editora Paulinas, dirigida por Afonso Ligorio Soares, com vários títulos: **O que é Ciência da Religião**, de Hans-Jurgen Greshat, de 2005, **Constituintes da Ciência da Religião**, de Frank Usarski, de 2006, **O espectro disciplinar da Ciência da Religião**, organizado por Frank Usarski, com vários autores, de 2007, **Ciências Sociais e Ciências da Religião: polêmicas e interlocuções** de minha autoria, em 2008, e **Uma Teoria da Religião**, de R. Stark e W. S. Brainbridge, em 2008. A Coleção Estudos da ABHR, da Editora Paulinas, que edita os resultados de conferências e Mesas dos Simpósios da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR) com sete volumes publicados: **O Estudo das Religiões, Religiões no Brasil, Religião e Violência, História das Religiões, O Sagrado e o Urbano, Religião, raça e identidade e Religiões e religiosidades**. A Coleção Estudos da Religião, também da Editora Paulinas, que divulga o resultado de congressos no tema dos estudos da religião, com o primeiro tomo **Teologia e Ciências da Religião**, que publicou os Anais do I Congresso da ANPTECRE, e o terceiro tomo **O futuro da religião na sociedade global**, que divulgou os Anais do I Congresso Internacional em Ciências da Religião promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Goiás, em 2008. Dignas de registro são ainda as revistas dos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião: **Estudos de Religião** da UMESP, **Rever** da PUC-SP e **Numen** da UFJF, entre outros, e a revista **Plura** da ABHR.

¹⁰ Tomo esta ideia de Pedro Ribeiro de Oliveira (1995:107-108), argumento que desenvolvi de uma forma mais completa em meu livro (CAMURÇA, 2008: 27, 52, 67-68).

Se a França, apesar de sua marca centenária na constituição das Ciências das Religiões, ainda se ressentir de uma maior articulação e sistematização neste particular, não há por que exigir tanto de nós, Ciências da Religião ainda iniciantes diante de um campo de estudos da religião no Brasil também não muito antigo, se pensarmos que o tratamento das Ciências Sociais para o tema da religião remonta ao fim dos anos 1950.¹¹

Paula Montero, em seu balanço sobre as Ciências Sociais da Religião dos anos 1970 aos anos 1990, reclama de uma fissura ou fracionamento que divide este campo acadêmico em duas perspectivas, uma sociológica e outra antropológica, impedindo uma abordagem mais completa do fenômeno religioso que “associe uma leitura fina dos processos de significação”, a hermenêutica antropológica, “à análise das determinações estruturais que orientam a ação social”, a crítica sociológica (1999:347).

Este parece um bom mote e um desafio para o desenvolvimento das Ciências da Religião dentro do espectro das Ciências Humanas Brasileiras, funcionarmos como *reservatório* e *laboratório de reunião e articulação* dos saberes dispersos e compartimentados em várias disciplinas das humanidades quando a temática for a *religião*. E, assim, a partir do tema da religião, constituirmo-nos como uma referência geradora de contribuições teórico-epistemológicas para o campo das Ciências Humanas no país.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Ronaldo. “Religião em Transição”. In: Horizontes das Ciências Sociais no Brasil – Antropologia. Carlos B. Martins e Luiz Fernando Dias Duarte (orgs.) São Paulo: ANPOCS, 2010, p. 367-405.
- ALVES, Rubem. Volta do sagrado: os caminhos da sociologia da religião no Brasil. *Religião e Sociedade*, n. 3, 1978, p. 109-141.
- CAMURÇA, Marcelo. Ciências Sociais e Ciências da Religião: polêmica e interlocuções. São Paulo: Paulinas, 2008.
- _____. “Panorama Religioso na França Contemporânea: laicidade e pluralidade – Editorial”. *Rever: revista de estudos de religião*, ano 10, set., 2010.
- CRUZ, Eduardo & MORI, Geraldo de. Teologia e Ciências da Religião: a caminho da maioridade acadêmica no Brasil. São Paulo: Paulinas, 2011.
- DELUMEAU, Jean. *L’Historien et la foi*. Paris: Fayard, 1996.

¹¹ Basta lembrar que os livros de Roger Bastide “O Candomblé da Bahia” e “Religiões africanas no Brasil” são de 1958 e 1960 respectivamente, o livro de Émile Leonard “O protestantismo brasileiro” é de 1950, e os livros de Cândido Procópio Camargo “Kardecismo e Umbanda” e “Católicos, protestantes e espíritas” são de 1961 e 1973 respectivamente. Ainda “Os messianismos no Brasil e no mundo” de Maria Isaura Pereira de Queiroz foi editado em 1965.

- FERNANDES, Rubem César. “Religiões Populares’: uma visão parcial da literatura recente”. **Boletim Informativo Bibliográfico – BIB**, n. 18, 1984, p. 3-26.
- FILORAMO, G. & PRANDI, C. “Para um Estudo Científico da Religião”; “Posfácio à III Edição Italiana”. *As Ciências das Religiões*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 05-25; 285-290.
- GISEL, Pierre. *La Théologie face aux sciences religieuses: différences et interactions*. Genève: Labor et Fides, 1999.
- GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é ciência da religião?* São Paulo: Paulinas, 2006.
- GUERRIERO, Silas. *Objetividade e subjetividade no estudo das religiões*. **Plura: revista de estudos de religião**, vol. 1, n. 1, 2010, p. 54-65.
- HIGUET, Etienne. *A teologia nos programas de Ciências da Religião*. *Correlatio*, n. 9, 2006.
- KIPPENBERG, Hans-Gerhard. *À la découverte de l’histoire des religions. Les sciences religieuses et la modernité*. Paris : Salvator, 1999.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. “A Estrutura dos Mitos.” In: *Antropologia Estrutural*, São Paulo, Tempo Brasileiro, 1991, p. 237-265.
- MAGALHÃES, Antônio Carlos de Melo. “Método de Pesquisa em ciências da religião: revisando paradigmas”. **Estudos de Religião**, n. 13, 1997, p. 09-24.
- MAGALHÃES, Antonio; PORTELLA, Rodrigo. **Expressões do sagrado: reflexões sobre o fenômeno religioso**. Aparecida: Santuário, 2008.
- MCVANN, Mark. “O batismo e os milagres do Evangelho de Marcos como rituais de transformação de status.” In: *Manifestações Literárias do Sagrado*. Eduardo Gross (org.). Juiz de Fora: Editora UFJF, 2002, p. 127-141.
- MOLENDIJK, Arie L. & PELS, Peter (eds.). *Religion in the making. The emergence of the sciences of religion*. Leyde, Boston, Cologne: E. J. Brill, 1998.
- MONTERO, Paula. “Religiões e dilema da Sociedade brasileira.” In *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*, vol. 1, *Antropologia*. Brasília, Ed. Sumaré/ANPOCS/CAPES, 1999, p. 327-367.
- MOREIRA, Alberto da Silva. *O deslocamento do religioso na sociedade contemporânea*. *Estudos de Religião*, 34, 2008, p. 70-83.
- MOREIRA, Alberto da Silva & OLIVEIRA, Irene Dias (orgs.). *O futuro da religião na sociedade global*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- OLIVEIRA, Pedro Ribeiro. “Teologia e Ciências da Religião: uma área acadêmica.” In: **Teologia profissão**. Márcio Fabri dos Anjos (org.), São Paulo, Loyola/Soter, 1995, p. 95-109.
- OTTO, Rudolf. **Le sacré**. Paris: Éditions Payot & Rivages, 2001.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. “Sociologia da Religião – Área Impuramente Acadêmica.” In: Sérgio Miceli (org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*, vol. 1, *Antropologia*. Brasília: Ed. Sumaré/ANPOCS/CAPES, 1999, p. 237-286.
- PORTELLA, Rodrigo. *Projeto pedagógico – licenciatura e bacharelado em ciência da religião*. Departamento Ciência da Religião, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, jul., 2011.

PYE, Michael. “Estudos da Religião na Europa: Estruturas e Projetos.” *Numen*, vol. 4, n. 1, 2001, p. 11-31.

RECHERCHES DE SCIENCES RELIGIEUSES. n. 1, dossier “L’expérience de la Vérité”, 2000, p. 1-64.

_____. n. 2: dossier “Science des religions ou théologie? Ernst Troeltsch aujourd’hui”, 2000, p.165-321.

RODRIGUES, Elisa. Ciências da Religião e Ciências Sociais: aproximações e distanciamentos. **Plura: revista de estudos de religião**, vol. 2, n. 1, 2011, p. 65-79.

RODRIGUES, Solange dos Santos. “Trabalhos Apresentados no GT Religião e Sociedade da ANPOCS (1980-1997).” **Religião e Sociedade**, 18/2, 1997, p. 157-163.

SÉGUY, Jean. “Théologie et Sciences des Religions: hier et aujourd’hui”. *Archives de sciences sociales des religions*, n. 118, 2002, p. 21-28.

STARK, Rodney & BAINBRIDGE, William. S. Uma teoria da religião. São Paulo: Paulinas, 2008.

STEIL, Carlos. “A Igreja dos Pobres. Da Secularização à Mística”. *Religião e Sociedade*, n. 19/2, 1999, p. 61-76.

USARSKI, Frank. “Perfil Paradigmático da Ciência da Religião na Alemanha.” In *A(s) Ciência(s) da religião no Brasil. afirmação de uma área acadêmica*. Faustino Teixeira (org.), São Paulo, Paulinas, 2001, p. 67-103.

_____. *Os Enganos sobre o Sagrado – Uma síntese da crítica ao ramo “clássico” da fenomenologia da Religião e seus conceitos-Chave*. **Rever: revista de estudos de religião**. Ano 4, n. 4, 2004. p. 73-95.

_____. *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2005.

_____. *Constituintes da ciência da religião. Cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma*. São Paulo: Paulinas, 2006.

VERNANT, Jean-Pierre. “Les sciences religieuses : entre la sociologie, le comparatisme et l’anthropologie”. In: *Cents ans des sciences religieuses en France*. Les Éditions du CERF: Paris, 1986, p. 79-88.

WILLAIME, Jean-Paul. *La percée des sciences religieuses*. In: *Pour une mémoire des religions*. François Boespflug, Françoise Dunand, Jean-Paul Willaime (eds.). Les Editions la Découverte: Paris, 1996, p. 66-78.

ZALUAR, Alba. “Os movimentos ‘messiânicos’ brasileiros: uma leitura”. **Boletim Informativo Bibliográfico – BIB**, n. 06, 1979.

Recebido em:29/09/2011

Aprovado em:21/11/2011